

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogratura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43 — LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 28 DE MARÇO DE 1904

NUMERO 21



A VIRGEM MÃE—COPIA D'UMA AGUA FORTE DO SÉCULO XVIII FEITA PARA MONSIEUR O CARDEAL TESTAFERRATA

CHRONICA

A Primavera

Estamos em plena primavera: ella veiu como sempre a 21 por este março inconstante, veiu como uma mulhersinha nervosa e volúvel a rir nas madrugadas e a turbar-se pelos dias fóra, a exaltar-se nas noites para de seguida repousar cansada e volver a rir quando a aurora rompe e os passaros chilreiam nos ninhos fofos. Toem sido assim estes dias do começo da primavera, elle trouxe na bagagem o seu vestido azul e o seu diadema de sol com a veste de crepe e a mantilha de temporal; veiu bem apetrechada para os passeios e para as Endoenças. Trouxe risos e trouxe lagrimas, baforadas de aragem e calmas, trouxe o cheiro do feno e do incenso, as canções alegres e os cantochões, os *picnics* à beira d'agua e os amôres que se geram no deslombamento da luz, no vigor dos corpos que revivem, mas trouxe tambem as preces, as rezas, o rosmãnhão, a Paixão, o Calvario e as amendoadas; e veste-se de claro e de luto, ri e chora, toca guitarra e badaleja sinos com a Alleluia, entontecesse durante uns dias, forta-se de negros, entorceosse e desvai-

la por ser de luz, desejava por trazer a vida nova, os jantares à beira d'agua e o socego ás almas, apesar das propostas de fazenda irem por diante.

A primavera aqui é muito bella, muito doce e toda de torpor: um paiz que tem semelhante primavera não pôde ser terra de revoltados. A luz dispõe ao socego, a calma dispõe ao goso, as boccas abrem-se para canções e nunca para protestos, os olhos quedam-se fixos na paisagem e jámais se detem na analyse d'un orçamento, os corpos sentem voluptuosidades, manzidões, quebreiras e as almas enchem-se de paz' como n'aquelles velhos bosques da Hellenia onde viviam



[A PASSAGEM DA BANDA



A PASSAGEM DA 1.ª COMPANHIA SOB O COMMANDO DO SR. ALVARO ANDRÉA

ra, grita, gera um desejo de patuscadas quando os Ramos chegam e os aficionados clamam: — Vamos tor ahí o Algabeño!

Inconstante como uma verdadeira fêmea, ornase de flores e ornase de crepe, escuta o tinar dos copos nas hortas que se animam e as vozes graves dos sacerdotes em Semana Santa, tom a garrida alegria d'uma costureirinha no domingo e a pose soberba d'um conego a entrar na Sé. E' dubia e duplice, é contradictoria e volúvel, é clara e negra, é piedosa e patusca, adora a atmosphera das egrejas e o sol e as moscas: annuncia as foudradas no proximo mez d'abril que ella abre com a devoção, prepara os templos para a morte do Redemptor e alisa as arenas para as corridas de touros, curva-se reverente à voz do sr. Patriarcha e já ergue as mãos para bater palmas ao José Bento.

Mas chegou enfim, adoravel por ser volúvel, bel-

a Mariquinhas fica bem... E minha mulher parece que rejuvenesceu... Não ha maneira de me zangar...

— O' menino, isso é genio!

— Qual?! E' d'esta bella primavera, é do clima!.. Ah! Deixa-me ir ao Marques comprar as amendoadas!

E lá foi, feliz, a passos rapidos, cheio d'audacia e de dividas, um homem que se arruina, que caminha para a morte mas que brada tambem:

os deuses, como na Roma dos Cesares que folgava ao sol enquanto os escravos morriam nos circo, enquanto os centuriões iam para a guerra clamando: *Aré... Morituri te salutant!* Não era o amor aos governos, era a doçura do clima.

Por isso um dia d'estos, um amigo meu, resignado e a encolher os hombros explicava a sua vida:

— Que queres?! Tenho tudo no monte-pio, ando com os ordenados rebatidos, devo ao senhorio, ao padeiro, a toda a gente mas sempre de cara alegre... Homem, vem ahí a Semana Santa e tenho que dar as amendoadas ás pequenas... Depois comprê-lhes uns fatos de seda... Se visses como

sem uma queixa, com as suas bagagens e com o seu repertorio, ella a endiabrada Georgette, que, adorando o poeta marido, detesta o marido poeta e que o tem dito em voz alta pelos *boulevards* à hora verde do absintho e à hora negra das miserias e das coias que arruinam as grandes fortunas do universo.

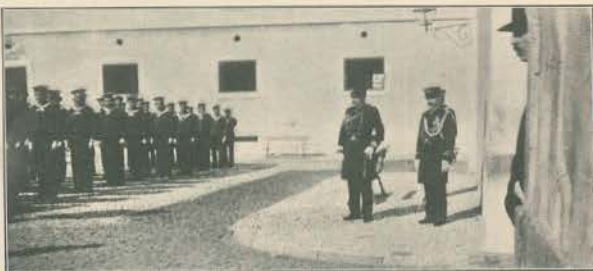
Pois a Georgette foi-se, serena, sem um protesto, resignada como todos nós vivemos sob a influencia do clima!

Lembra-me muito aquelle ex-ministro que sentindo em si a primavera exclamava:

— Ah! A verdura, meus amigos, a verdura ameaça os temperamentos... Ponham-me verde na frente e eu sou um carreiro...

E a estação traz consigo a verdura esmeraldina arventada pela seiva, a verdura de velludo, tenra e fresca, que agrada aos olhos e que ameaça tanto quanto exalta o panno verde das roletas, que, segundo dizem, começam de novo a apparecer, fiadas na quebreira que a primavera traz até mesmo á gente da policia.

Esse bello sol, essa paisagem vasta, verde, n'uma gloria de luz, triumphal e fresca, estão marcados nos quadros que a sociedade Silva-Porto expoz, todos com assumptos da nossa bella terra.



O COMMANDANTE DA FORÇA, CAPITÃO DE FRAGATA SR. GONÇALVES TEIXEIRA, EM FRENTE DA DIVISÃO NA PARADA

Aré, morituri te salutant!.. E' do clima, é da primavera que chegon com a sua baforada de trevo fresco e com a sua molleza do cheiro do incenso que revoltá nos argenteos thuribulos.

A paz jámais se turva, a vida jámais se transtorna n'esta terra abençoada. Esteve ahí a esposa de Maeterlinck, do auctor sensível, veiu representaras peças do marido de quem está separada; a imprensa dissentiu-a, o publico não gostou d'ella, que retirou

com os seus prados floridos, com a sua faina, com os seus montes e com os seus costumes.

Foi um bom dia esse em que a exposição se inaugurou: dia que um romano marcaria com duas pedras brancas a dizer felicidade.

Na tarde anterior, a *Sena* fóra lançada ao mar, cortára as aguas, ficara no Tejo como um padrão.

Estes dois acontecimentos dão-nos alma, dão-nos energia, ao provarem que ainda vivemos apesar dos resposnos que lá fóra rezam por nossa alma.

ROCHA MARTINS.

No nosso numero anterior publicámos um desenho feito sobre apontamentos enviados do Brasil e o qual se referia aos restos de Pedro Alvares Cabral. Sabemos agora que a cerimonia foi feita a uma porção de terra tirada da sepultura do navegador e que os brasileiros guardaram como uma bem preciosa reliquia.



CONTRA-ALMIRANTE SR. SERGIO DE SOUSA PASSANDO A REVISTA NO QUARTEL

O CORPO DE MARINHEIROS Á PASSAGEM PARA A MISSA GERAL QUE SE REALISOU EM 20 DE MARÇO NA EGREJA DE S. PEDRO EM ALCANTARA, CELEBRADA PELO REVERENDO BARREIRA

UMA VISITA AO MUSEU OCEANOGRAPHICO

Quando puxamos o cordão da campainha na portada d'aquella dependencia do paço real das Necessidades,



S. M. EL-REI O SENHOR D. CARLOS (Phot. Bobone)

sentimos rebelar a ansiedade que desde a vespera nos turbava.

O sr. conde d'Arnozo prevenira-nos que S. M. el rei de bom grado accedia á nossa visita ao musen oceanographico e por isso, n'essa linda manhã de sol, manhã de luz e de céu azul de precoce primavera, penetrámos no paço real por um portão largo, seguimos o corredor abobadado onde as tumbas passadas resovavam como no claustro d'um convento, em direcção ás salas onde estão installados os exemplares colhidos por S. M. o senhor D. Carlos nas campanhas scientificas a bordo dos seus yachts.

Mandámos o nosso cartão ao sr. Girard, o collaborador assiduo d'el-rei nos seus trabalhos de oceanographia, e dentro em pouco encontravamos-nos n'um gabinete amplo, cheio de paz, de calma, d'um sossego benedictino, gabinete simples, sem luxo, proprio para retiro de pensadores e no qual coisa alguma nos recordava as pompas dos paços, as grandezas das côrtes onde ha razes e onde ha ouro, onde as passadas se amiam sobre os felpudos tapetes e as cabeças

se curvam n'uma admiração, tocadas pela magnificencia e pela maravilha. Estavamos em casa d'um sabio, sentados ao lado d'outro, n'uma grande surpresa e relancearmos os olhos pela mobilia simples, perturbados n'aquella sagrada atmosfera de trabalho, penetrados d'um respeito enorme pelos homens que all passavam dias e dias encerrados, cultivando a sciencia como modestos obreiros, persistentes e tenazes buscando um fim.

Recordavamos a historia d'aquelles archiduques d'Áustria que são chimicos e durante mezes vivem com os seus ajudantes entre as retortas e os cadinhos, privados das cerimoniaes, alheios á vida exterior, penetrados da sua missão; recordavamos tambem o papel brilhante d'alguns monarchas dos pequenos estados germanicos, chegavamos á ideia Napoleão III trabalhando para a sua granja modelo, Frederico da Prussia vivendo com Voltaire a interessar-se nas obras dos encyclopedistas, livre da agitação da corte, isolado dos seus fold-marceches, sem uma condecoração e com uma larga túnica de trabalho, sem a sua corôa mas com a sua gorra, estendido n'um estofa a ouvir o philosopho. E depois evocavamos tambem pessoas da familia de S. M. el-rei, um principe que foi um grande artista, um outro que foi um erudito e cujos nomes vivem no nosso coração de portuguezes tanto pelas suas obras de particulares como pelos seus papéis de soberanos: SS. MM. os reis senhores D. Fernando e D. Pedro V.

Talvez que all tambem n'aquello paço real, n'um gabinete assim simples, com Horolucano, o ultimo d'esses monarchas passasse horas de meditação e de estudo, afastado por momentos dos governos, sendo tão grande homem como era grande rei.

Ao nosso lado, o sr. Girard, o collaborador de S. M. o senhor D. Carlos, dizia-nos quanto amava aquella paz, aquelle infinito sossego da dependencia do paço real.

— Aqui n'esta mesa trabalha el-rei? — informon com um sorriso amavel.

Olhámos a mesa: vimos papéis em ordem, manuscritos, varios livros de consulta, a um canto a cadeira de

nascer uma enorme sympathia por aquelles homens de sciencia e ella vai augmentando á medida que analysamos a sua obra, na realidade extraordinaria, difficil, trabalhosa.

Nas restas de luz que entram pelas largas janellas sanefadas, vamos a sala vasta onde ha centenas de frascos numerados, com os seus dísticos e onde se comervam peixes de formas bizarras e de compridos nomes,



O YACHT «AMELIA I» (Phot. n'um pastel de S. M. El-Rei)

peixes que estão completo, sem uma barbatana de menos, expostos nos grandes armarios, catalogados, defindos. Aqui e acolá um monstro, o tamboril cor de cobre, de bocarra larga e olhos vitreos como pequenas luas mortas, n'outra sala as *Lilureiras* grandes, negras, de barbatanas alongadas, em filas como se nadassem entre as vidraças atulhadas de corallarios, que tem formas de bordados, que são ramos espalhados, e de esponjarios que são especimenes scientificos.

— Ha esponjarios em Portugal? perguntamos admirados.

— Apenas exemplares scientificos —olve o sr. Girard muito amavelmente.

E apontou-nos pequeninas esponjas, negras, de malhas finas, especie da esponja



S. M. EL-REI COM O SR. GIRARD A BORDO DO YACHT «AMELIA»

espaldar alto onde o senhor D. Carlos passa horas nos seus trabalhos: mais aquem outra mesa pejada de volumes grossos, em roda contadores antigos, alguns Saxos, alguns quadros que dão uma nota de gosto abafada na modestia do aposento destinado ao estudo.

Vamos começar a nossa visita já encantados e com tanta simplicidade, sentimos



ALCYONARIO (MÃO DO FINADO) (Photographia de S. M. El-Rei)



ALCYONARIO (PTEROIDES) (Photographia de S. M. El-Rei)



O GABINETE DE TRABALHO DE S. M. EL-REI NO MUSEU

de medicina, denominada assim pelos industriais: levamos de seguida a outra vitrine e mostra-nos uma grande esponja em forma de chapéu de *piérot*, concava, alta, muito clara e quasi sem orificios na contextura.

De todas as paredes pendem photographias onde se vêem pescadores, tripulantes do *Amélia*, canoas que passam no mar alto com a borda debaixo d'agua, as velas em triangulo, hirtas, firmes, mapps onde os *radiarios* se estroam e onde procuramos as *noctiluas* que dão phosphorescencias ás aguas e são como colunas de pyramides de luz fixa e unida na immensidade dos oceanos.

Atravessamos assim mais duas salas onde ha peixes de todas as dimensões, de todas as formas, garbosos e grotescos, bellos e horripilantes, uns com tonalidades garridas, outros plumbeos, como se tivessem servido de moldes a fósseis e ha a um canto o peixe lua grosso e barbatuado, ha os tubarões grandes que nos fazem exclamar:

— São de Portugal?!

— Tudo que ahí temos é de Portugal! — diz novamente a nosso amavel cicerone conduzindo-nos para um pequeno aposento onde estão alguns caixotes de ferro m. merados.

Espalha-se no ar um cheiro de maresia e um bafo de alcool; abre-se um dos cofres e vemos conservados no alcool uma infinidade de peixes, como n'um mercado, acamados e coloridos, inteiros, completos.

Ha uns dez caixotes assim que o sr. Girard vas enumerando:

— Aqui a familia dos linguados... Ali os besugos... Estes ainda não estão classificados...

Notamos-lhe a sua condescendencia, pedimos-lhe desculpa e Girard, sempre alegre, sempre a sorrir, franca, abertamente, d'um modo que nos põe á vontade exclama:

— Ora vonta d'ahi vêr um peixe magnifico!

E' na bibliotheca, onde ha livros raros e exemplares preciosos que vemos o *Odontaspis nasutus*, um peixe claro, comprido, que elle nos aponta dizendo: E' uma nova especie...

Falamos-lhe d'um exemplar em forma de jarro que nos feriu a attenção e é o *Saccopharynx ampullaceus*, passamos á vista por um armario cheio de buzios luzidios, pintalagados, de conchas magnificas, e depois de

vemos um lóbo de lingua pendente e guella escurata, que está ali por mere acoso, com o seu pelo erriçado e com os olhos luzidios, perguntamos:

— Foi morto por S. M. el-rei?!

O nosso interlocutor responde:

— Sim... E é um bom bicho, Magnifico, não achá?!

Passamos então á outra sala onde o famboril cor de cobre nos preoccupa com a sua bocarra, com a sua guella como almofadada. Ao entrarmos retine tres vezes uma campainha electrica e ouvi-se a voz d'um creado annunciando:

— El-rei!

S. M. entra, curvamo-nos respeitosaemente e vemos nos seus labios um buntoso sorriso, quedamo-nos respeitosos, evocamos n'um momento a grande serie de trabalhos q. se dedicou, ao passarmos a vista pelas

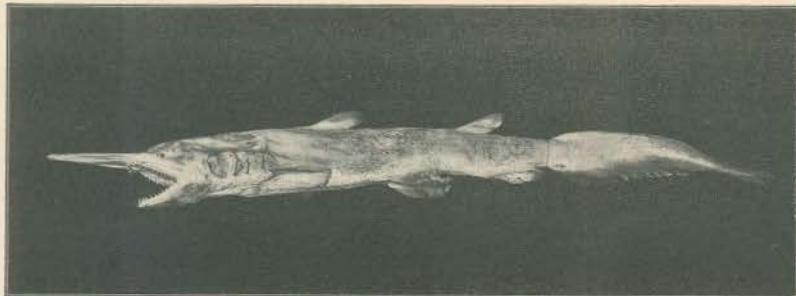


PALAVRANCA SACCOPHARYNX AMPULLACEUS. HARWOOD

salas atalhadas de bellos exemplares.

Tudo aquillo veiu para ali ao cabo de muitos annos de labor no mar, durante dias e noites, quando a vaga galga ou quando a agua está serena, nas montes do temporal e nas de luar, nas horas do dia sob um sol radiante ou sob as chubvadas, ouvindo pescadores, gente rudo, marrentes, que vem trazer a S. M. algum peixe extranho colhido nas suas redes.

E é todo o trabalho do soberano que vemos n'um momento, e toda essa fainá que relembramos: os dias no seu gabinete, na paz conventual que lá móra, vendo provas, trabalhando no seu *Harwood*, classificando os exemplares, com uma paciencia de sabio teólogo das viagens no oceano, como um simples homem do mar que fosse ao mesmo tempo um homem de sciencia, a procurar com o coração inquieto, acuciado de surpresa, o peixe raro que



ODONTASPIS NASUTUS

deve entrar no seu museu.

Ao termos S. M. com toda a simplicidade d'um traje matinal, affavel, bondoso, interessando-se nos nossos trabalhos, sentimos dobrado respeito pelo seu nome: estava ali o chefe da nação e o presidente da Academia das Sciencias, logar que occuparia pelos seus meritos embora não fosse soberano. S. M. falava-nos, atirava as palavras demoradamente, brandamente:

— Para termos aqui tudo isto doitamos fóra dez vezes mais...

All não ha um só exemplar que esteja deteriorado, não falta cousa alguma no mais insignificante mollusco, não falta um só espinho n'um misero echinoderme d'aquelles que se enfileiram na vitrine fronteira.

S. M. el-rei repara n'umas photographias que tirou ha tempo e nas quaes estão uns alcyonarios; olha um pequeno deposito vidrado onde se espaa certo peixe claro e diz:

— O alcool desnatado toma á açção de luz um colorido amarello que depois se avermelha...

O sr. Girard aponta



A PRIMEIRA SALA DO MUSEU

a S. M. el-rei outros depositos semelhantes e durante uns momentos tratam d'esse colorido tomado pelo liquido. Entretanto vamos trabalhando sob as vistas de S. M. que se interessa sempre pela nossa tarefa, e que amavelmente se nos dirige por vezes.

Mais do que nunca sentimos em S. M. o homem da ciencia que nos recebe na sua casa, na sala das suas experiencias, com bondade; com extrema amabilidade, mais do que nunca nos sentimos bem n'essa atmosphera de trabalho cujo cultor é um soberano.

Por uns momentos S. M. assiste ainda ao nosso trabalho, dirige-nos mais algumas vezes a palavra e quando buscamos photographar um magnifico pastel representando o seu yacht « Ameia I », el-rei diz-nos rapidamente: — E' difficil... O quadro tem reflexos de vidro.

E accrescenta sempre do mesmo modo: — Ah! não conseguimos fazer nada!... E' como tirar photographias de frascos...

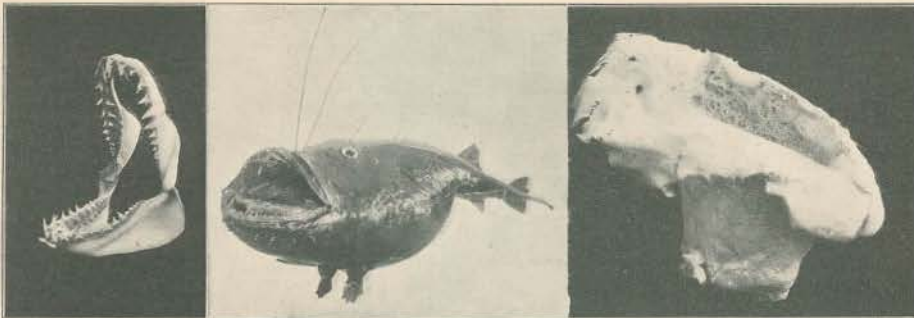
— Mas as do V. M. ficaram excellentes... dissemos a mostrar a el-rei as photographias que representam os alcyonarios.

— Ah! sim... E como escrevesse-mos o nome scientifico dos peixes photographados, S. M. accrescenta n'uma bella informaçao: — Os pescadores chamam-lhes *naões de fundo*! Tenho ali alguns que na verdade o parecem...

A luz do sol esmaece, perdese pouco a pouco, a sala vaes escurecendo para d'ahi a pouco se animar do novo.

E S. M. el-rei sahe para o gabinete com o sr. Girard, atravessa a sala, olhando as vidracas onde se guardam os exemplares.

Ficamos ali uns momentos ainda, agora totalmente esquecidos que estavamos no paço, que estavamos nas Necessidades, onde reside S. M. el-rei, para nos lembrarmos apenas que percorreramos um museu magnifico feito a custa d'esforços pelo senhor D. Carlos de Bragança que assim ganhou mais um titulo que emobresse Portugal obtendo diplomas, entrando nas academias não como rei mas como homem da ciencia.



ISURUS OXYRINCHUS

TANDARIL

ASKANEMA SETUBALENSE



A SEGUNDA SALA DO MUSEU

Pensamos no livro que S. M. está concluindo, não resistimos ao desejo d'entrar ainda na primeira sala e ali contemplamos por um instante uma photographia onde el-rei está na frente da tripulação do seu yacht com o sr. Girard, el-rei em veste de trabalho, el-rei na camaradagem d'um sabio e entre homens do mar que o adoram.

Estendendo a vista ao longo da casa, surgem na nossa frente os mostrarios e replantos d'exemplares locais n'uma claridade mansa, breve do sol que vaos a declinar.

Surgem dorsos vigorosos da peixes enormes, recurva-se elegantemente uma gibola do mar, escancararam-se n'uma vidraca queixadas de tubarões de dentes afilados; marcase a resahir n'um canto a cabeça grotesca d'uma burtaruga, e ao fim, lá bem ao fim, sem arredados filigranados, como Ylavoros preciosos, os corallarios enchem o mostruario em tronquinhos que são colonias e que vem ao resasso nas redes d'arrastar, semelhantes d'aqueellas com que no Mediterraneo os napolitanos vão procurar os cornos no fundo das serenias aguas.

Reina sempre a mesma paz conventual na sala, que só é turbada de momento a momento pelas passadas rapidas d'um crowd que atravessa os corredores.

Vem um fresco agradável, uma aragem doce ao espalha através as galerias do museu; ha uma atmosphera suave que dispõe a meditação e ao estudo, um bem estar se

apossa de nós e ficamos mais uns momentos a meio da sala, admirados que alem no paço real esteja instalada essa collecção, uma das mais ricas, sendo a melhor da Europa e que honra o soberano, honrando a nação.

A commoção d'essa visita não se apaga.

Conta Bulhão Pato nas *Memorias* que lhe ficou vincada uma fundida impressão ao apalpar uma pulseira cendida do braço da senhora D. Maria II no paço de Queluz. O homem de letras, que n'esse tempo era bem moço, guardou no seu cerebro e no seu coração a palavra d'agradecimento que a soberana lhe dirigiu.

Nós guardamos tambem bem fundamente a curta entrevista com S. M. el-rei, no qual toimamos ver o sabio dedicado a uma alta missão que eleva o paiz e marca e define o esplendido talento de quem assim se tomou dedicado com afieiro a uma obra d'allissimo interesse como é a das explorações oceanographicas, cujos resultados acabamos de ver n'aquella sala das Necessidades onde entrámos por uma linda manhã de luz e de céu azul e da qual sahimos quando já ia a declinar o sol.

O sr. Girard acompanha-nos até a porta, sempre a sorrir, sempre amavel; estendemos-lhe a mão, aperta-



O SR. ALBERTO ALEXANDRE GIRARD COLLABORADOR DE S. M. NOS TRABALHOS DE OCEANOGRAPHIA MOSTRA-NOS COM UM AGRADECIMENTO AS SUAS DEMANDAS EXPLICAÇÕES E COM UMA FELICITAÇÃO PELA OBRA EM QUE É COLLABORADOR DE S. M. EL-REI.

E sahimos do museu oceanographico dando um ultimo olhar ao peixe lna que se quedava enorme e firme baido n'uma grande mancha de sol. lá n'um cantinho do corredor claustral.



O CORREDOR DE ENTRADA



EM PANGIM—CARNAVAL DE 1904—O MINUETE

O grupo a caracter que dançou o minnete no Gremio Vasco da Gama da cidade de Pangim na *soirée* do carnaval, formado pelas ex.^{mas} damas e cavalheiros Henrique Nolasco, D. Isaura Fragoso, José Assa Castel-Brunco, D. Maria Sampayo, D. Philomena da Costa Paulino, Alberto Navarro, D. Sarah d'Oliveira, Januario d'Oliveira, D. Carlota Ferreira d'Aguiar, Roque Ferreira d'Aguiar, D. Olinda Peixoto de Oliveira, capitão Penha Continho, dr. João de Mello Sampayo, D. Pilar Pereira de Aguiar, capitão Quirino Pacheco e D. Philomena Sampayo.

O minnete é uma velha dança languida e grave que dizia bem com os trajes vistosos dos fidalgos, com as cadeleiras empoadas e com a architectura severa das salas cujo mobiliario rigido, d'espaldares altos, era a decoracão digna d'esses interiores onde se

dancava o austero minnete que teve certa voga no tempo de D. João V, mas sobretudo foi moda nos tempos devotos de D. Maria I. A dança medida, compassada, ao som do cravo, tinha o seu rythmo suave e gracioso, do qual parecem terem nascido os movimentos iniciais do *Fas de Quatre*.

O landum era a musica obrigatoria com a sua modinha repassada de languidez, como o minnete era a dança da alta sociedade n'esse tempo, a antepoz-se com todo o fausto, com todo o seu esplendor, gravidade e serenidade ao plebeismo da musica brasileira que invadía os salões e fazia as delicias das damas. Ahi pela invasio franceza a dança e a musica passaram de moda para darem o seu lugar aos pasces francezes que Janot, o conquistador, ensinoua com maestria aos fidalgos no seu palacio do Alcazim.



A GUERRA RUSSO-JAPONEZA — A EXECUÇÃO DOS LUNGUEZ NA MANDCHURIA

Foi um ataque em forma o nitivo feito pelos lunguez contra as tropas russas desorganizadas do corpo do exército e que tom a ramilha da fronteira russa. Os banditos chineses, emboscados no declive, fizeram do alto um fogo mortífero que feriu alguns soldados, fugindo em seguida. Logo se organizou uma batida, ao mesmo tempo que o comandante das forças era prevenido do sucesso. Após umas horas de perseguição, caíram em poder dos cossacos alguns lunguez, nos quaes

os russos julgaram ver uma avançada inimiga. Chegados, porém, a conclusão de que eram banditos chineses, fez-se um processo sumário e foram enforcados diante das tropas, que no dia seguinte se puseram em marcha. Parece que a execução não obste a que os cossacos continuem os ataques, havendo notícias de terem ultimamente dirigido as suas atenções para as tropas japonezas.



SS. MM. O IMPERADOR GUILHERME D'ALLEMANHA E AFONSO XIII DE HESPAÑA A BORDO DO «YACHT» REAL HESPAÑOL «GIRALDA», DIANTE DE VIGO

Na sua viagem para o Mediterraneo, S. M. o imperador da Alemanha encontrou-se em Vigo com o jovem soberano de Hespanha, que lhe offereceu um almoço a bordo do *Giralda*.
 Ao som das salvas e dos hymnos, os dois monarchas passaram durante algumas horas e quando o imperador Guilherme retirou para bordo do *Koning Albert*, que ia escoltado pelo contranavegador *Frederich-Karl*, murmurou:
 «Levo-o no coração.»

SS. MM. a bordo da esquadra hespanhola *Fuero Nizkor*, andaram no mar alto.
 Esquivaram fuzileiros durante dois dias os navios alemães, que em 17 de março partiram directos a Gibraltar. O imperador e Guilherme vem convalescer, por conselho dos medicos, e após a sua viagem ao Mediterraneo, onde não desembarcaram em nenhum porto, recolhendo directamente a Alemanha, se não fizer, como se espantou, uma visita ao rei d'Italia.
 O *Koning Albert* e o *Frederich Karl* passaram a vista do Cabo Carveiro pelas 7 horas da tarde do mesmo dia 17.



UM ASPECTO DO DESAFIO DE FOOT-BALL ENTRE O GRUPO INGLEZ DA CRUZ QUEBRADA E O GRUPO DEL-NEGRO, NO QUAL FICARAM VENCEDORES OS JOGADORES INGLEZES POR 7 GOOLDS



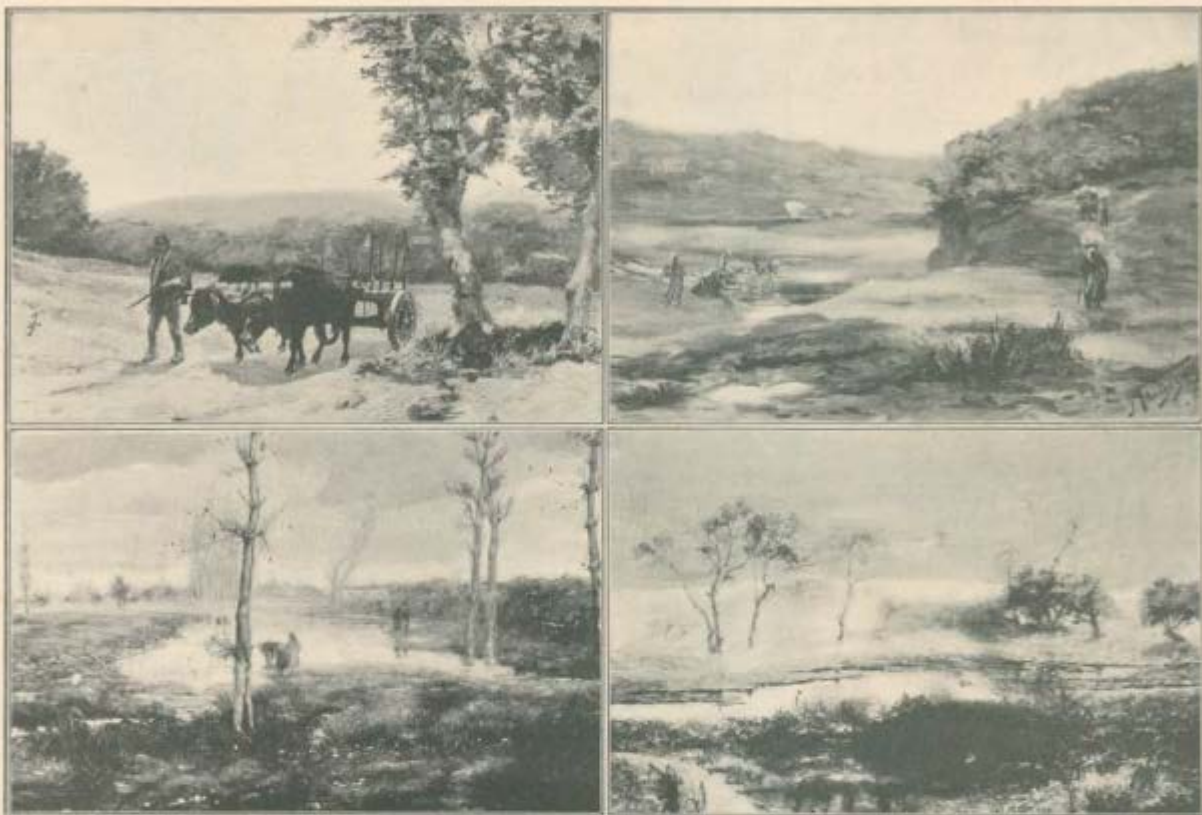
A GUERRA RUSSO-JAPONESA — UMA LEVA DE PRISONEIROS JAPONEZES

Dizem os telegrammas que os cosacos fazendo incursões no território coreano se encontraram com as tropas japonesas. O Rio Yalu estava gelado e, segundo se lê no relatório do general Pines, a bella cavallaria russa lançou-se contra as avançaças inimigas apprehendendo todos os vivres e grande porção de gado.

Travou-se então uma escaramuça, ficando prisioneiros alguns japoneses que foram conduzidos para o acampamento russo e tratados com toda a humanidade. De parte a parte tem-se o maior cuidado com os prisioneiros, os quaes depois de desarmados são carinhosamente recebidos.

No combate de Chemulpa os japoneses requisitaram os marinheiros russos que se recolheram a bordo do couraçado francez *Turvet*, porém, o commandante d'este navio não os entregou, dizendo-lhes, no entanto, que os retinha, não por não tomarem alguma violencia contra elles da parte dos japoneses, mas sim por cumprir com a lei de hospitalidade.

Vê-se, por consequencia, quanta humanidade ha para com os captivados entre os dois exercitos, ajuizando-se assim os terriveis effeitos da lucta na qual se abre para elles uma fregua.



A EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE SILVA PORTO ABERTA EM 22 DE MARÇO

UMA CORDELA DE JARDIM DO SR. DANTAS—UMA CHUVA EN KATZBERG (JARDIM DO SR. DANTAS)—DO PARA TUDO—UMA DO SR. DANTAS—UMA MONTA, JARDIM DO SR. DANTAS.

A Sociedade Silva Porto é constituída por varios elementos amigos da arte e dos officios e que se reunem para desenvolver entre nos a arte da paisagem, tomando por base o nome da primeira paisagem portugueza.

Dezendo em arte a realidade pela sociedade fazem os seus trabalhos, que são expostos no publico na Academia de Bellas Artes. Actualmente são exhibidos os desenhos do sr. Carlos Heil, Bando e Trigueiro, que apenas vieram de uma viagem de pintura, na qual se magnificamente aprofundou. O desenho é rigoroso, a escolha é variada e os seus quadros que mostram sublimemente o natural e os desenhos.



O LANÇAMENTO AO MAR DA LANCHA CANHOEIRA «SENA»—A LANCHA ESTRECHADO «AGUA»—O GRUPO D'OFFICIAES E CONSTRUTORES

1. O SR. LANTAS—2. O SR. DANTAS—3. O SR. DANTAS—4. O SR. DANTAS—5. O SR. DANTAS—6. O SR. DANTAS—7. O SR. DANTAS

A lancha canhoeira tem 25 metros e é igual a Teff. Ambas se destinam ao Rio de Janeiro e a lancha foi lançada ao mar em 7 de dezembro, a primeira entre a água, sendo das antichidias-matilhas, de construção e do momento actual, em 21 de março. Estavam presentes os srs. Dr. Francisco Pereira de Mello, commandante da lancha, seu tio o sr. Dr. Carvalho Monteiro, Dr. Jovino Pires Pereira, sr. Severo Prado, José Vianna, José Ottomar, Francisco Cordeiro, etc.

Quando o barco cortou a água foi recebido com uma salva de palmas, erguendo-se um aploso vibrante e a marinha portugueza recebeu d'essa hora em diante no Tejo mais um navio de guerra.

A lancha tem 24 metros de comprimento, 2 metros 20 centímetros de altura e se sua velocidade tem a força de 100 cavallos e que utilizam a velocidade maxima de 10 milhas.

É armada com uma metralhadora automatica Hotchkiss. O capitão Manuel de Mello, seu comandante, e duas peças de tiro rapido.

Foi construída no caso Perry & Sons, de Lisboa, sob a direcção do sr. Candeal.

No seu dia de saida o capitão e o grupo de officiaes e constructores a lancha portugueza e a sr. Pires, e de Bellas Artes que dirigiu os trabalhos da lancha Teff, que vai commandar.

SEMANA SANTA

(Notas e impressões)



SEMANA SANTA, semana santa! e estas simples palavras suggerem ao meu espirito de septico intransigente meia dúzia de linhas impressivas sobre o que esse periodo quaresmal foi n'alguns afastados momentos historicos n'este paiz de devoção e de procissões!...

E como o espirito evoca esses tempos, já remotos, mas vividos pelas recordações que nos suggerem as lendas, os contos, a tradi-

ção oral que até nós chegou, religiosamente conservada n'algumas familias. E apraz nos confrontar essas recordações, que nos ficaram gravadas na memoria de crianças, nitidas e claras, com o tempo que ora vai decorrendo.

Semana santa! Semana santa!

A semana santa na capital é ainda hoje uma reminiscencia da lubricidade dos tempos do rei D. João V, quasi a mesma falsa fé na multidão prostrada, e á parte uma ou outra figura macerada de jejuna, a maioria passa na poumbra crepuscular das naveas na ancia de suprehender um rosto provocante, um estonteador perfil de mulher, olhos em extasi, rosto sob o bioco negro da mantilha, desfilando o seu velho rosario de contas, submissa e finida.

Lubricidade attenuada, sem a generalisação do perio-



A QUEIMA DO JUDAS

do de prodigalidades de D. João V, d'esse D. João V a quem na historia —nem sempre a fiel expressão da verdade— se dá o nome de *Magnanimo*, mas no qual, com mais justiça, se poderia applicar o de *Peculativo*, pois essas enormes sommas que nos vintum do Brazil, essa caudal de ouro inexgotavel, eram dissipadas sobretudo com frades e igrejas, com devassidades e esbanjamentos de toda a especie.

Como é curioso, ainda que no correr da pena, relembrar algumas particularidades d'esses tempos afastados, principalmente na quadra santa! Como é typico rememorar os seguintes episodios.

O rei vestia andrajos de mondigo, diafarçava-se sob o manto remonda-



NO TEMPO DO REI D. JOÃO V.—A MULTIDÃO PROSTRADA

do, e perdia-se entre a turba-multa n'esse prazer sensual e decadente, sem de sentir perto do seu corpo gasto o *bronz-guardismo* das carnes moças e virginaes, do palpar seios erectos a turgidos, levado a um paroxismo candente pelas pastilhas aphrodisiacas e essenciaes excitantes; esse D. João V que a chronica refere como um *joisseur* estancado, velho e libertino, fazendo da religião e do seu predomínio na corte um

meio facil e accessivel para o cumprimento das suas dissipações e prodigalidades de satyro caduco.

O mysticismo de Santa Thereza, —d'essa sublime visionaria, digna de respeito, pois, embora fanatica exaltada, vivendo continuamente n'um arroubo celestial, era no menos sincera na sua crença, no seu enthusiasmo religioso, a vêr o Bem-Amado offerecer-lhe, em sonhos, os labios para beijos, os braços para benções—o mysticismo, que é, no dizer dos pathologists, a «sensualidade platonica» como a santa e historpeton: prendendo los labios dos seios villicos e rosarios, teve a sua epoca accentuadamente caracteristica n'esse periodo historico.

A Madre Paula, a Montespan apocrypha da corte portugueza do seculo XVIII, as festas no Paço da Ribeira, o luxo, os excitantes genésicos, tudo documenta largamente a feição exótica d'esse momento de degenerescencia e de libertinagem.

No Monino Dens, progava Frei João de Xabregas, o frade milagreiro, que todos



AGRUPA OS MRNDIGOS

diziam prophético; e a sua voz accentuava a devoção perfiada, a submissão humilhante, a piedade como forma de dissimulação e de disfarce...

Semana santa, semana santa! e o rei passava distribuindo bênçãos, insinuando e torpe, afastando os mendigos que, à porta do templo, cobertos de chagas, rufos, arrastavam a sua miséria e a sua fúria, como um protesto surdo de revolta contra o otro que as almas dissipavam n'essa prodigalidade enfermiga e depauperante, n'esse nevrosado anseio de triumphar e de surprehender.

E os mendigos choravam a sua angustia, as chagas sangrentas avivavam-se sob a joia do sol, mãos supplicantes, ostendidas, mãos de famintos sortidos, e a multidão indifferente, falsamente devota, atravessava, esmolando por vezes, o grupo que continuava a caminhar a sua desgraça...

Depois vem a noite quasi atenua do Marquez de Pombal, e seguiu-se a época piedosa da senhora D. Maria I, com exorcismos, requintes morbidos de devoção, D. Pedro III é um cultor fervente de autochthonae; a religião predomina, essa religião que nubranta energias, que proclama intuítos submissos, que orienta o espirito para a tranquillidade e para a penitencia, para o recolhimento e para a paz, que protesta contra violencias e desforras, bondade, misantropia dolorida, penitencias e jejuns...

Esta acção deprimente da religião accentua-se mais e mais, o D. João VI, no seu exilio do Brazil, por vezes, nostalgicamente, perguntava:

— Que será feito dos meus frades de Mafra, que será feito dos meus frades?... Os meus santinhos!...

A semana santa em Lisboa é hoje ainda razão para se exhibirem trajes de luxo; e os templos, com os seus Calvarios e allegorias aos mysterios da Paixão, chamam mais pela sua scenographia deslumbrante do que pelo travo de unctiosa religiosidade que em vão tentam representar.

Percorrendo as cidades do norte, Braga sobretudo, o *touriste* consegue uma serie curiosa de apontamentos. Na Sé, em quarta-feira de Trevas, vão os rapazes todos para o côco, e, n'um dado momento dos officios religiosos, batem com os mascotes nas bancadas, acto a que chamam *chater as trevas*.

Quinta-feira santa. Às tres horas da tarde o Arcebispo, n'uma das naves centrais do templo, agrupa os mendigos e lava-lhes os pés, simulando a Ceia do Senhor. E' curioso o espectáculo, não só pelas figuras que n'elle



E VAE O ABRABE COM O SEU ROQUETTE

tomam parte, como também por se exhibir toda a riquissima baixela da Sé.

A' noite, ha o sermão da Soledade, e sabe da Misericordia, essa tradicional procissão do Senhor da Cana Verde, a que a censura cortou algumas scenas, como os fogareus que se seguiam ao farricoco, multidão empunhando fochos, e que n'uma arruaca ensurdecedora ia profirindo obscenidades hostis—symbolizando os judeus quando insultavam Christo.

Vem depois o sabbado da Alleluia, e mal o signal é dado, em toda a cidade ha o festivo riquique de sinos, e nas praças queima-se o Judas.

E como é para o meu espirito profundamente triste a nostalgia d'essa undiabrada festança provincial, quando iamos, todos, queimar um manequim toco e primitivo, caricaturando algum professor da nossa infantil antipathia. E, gritavamos:

— Fôra, morra o Judas, morra o Judas!...

E o caso é que, pelas aldeias, até domingo de Paschoa, ha sermões allusivos pelas egrejas, e no Alto Minho, em quinta-feira santa, as raparigas — *de nero vestidas* — vão á *desobriga*.

Mas, chega o domingo de Paschoa, o dia mais festivo para as aldeias, e com o mysterio profundo da religião, os campos então tambem uma hossaia á primavera que começa a borbulhar nos gomos; o céu é mais immaculadamente azul, a alma mais virginal e mais pura Paschoas... Paschoas...

Mas, passada a missa conventual, o senhor abade lá se mette ao caminhar, a visitar os parochianos. E, pelas quebradas, de serra em serra, pelos vallados, sôa a campainha anua d'um garotito que annuncia aos quatro ventos a hora de recolher as folares.

E vae o abade, com o seu roquette branco, abençoando, e... comendo sob todos os alpendres, a sombra amiga das arvores dos quinteiros, benzeo as casas que, n'esse dia, dir-se-hiam pequenos altares, floridas de rosmarinho, de todas as flores crescidas á beira dos vallados e dos eixurros, colhidas unas primeiras horas da manhã, quando o sol vem ainda lá longe, na curva loingnua do céu.

— Ah! vem o senhor abade!... annuncis uma voz.

E a figura christianissima do padre da provincia, quasi todos velhinhos e tropiegos, lá asema, acompanhado pelo mordomo da cruz, e mais dois irmãos: um, com a caldeira d'agua benta e o hysopo, o outro, com uma cesta onde se recolhem os presentes: ovos, gulseimas sem conta... E' a Paschoa na aldeia...



O SENHOR MORTO

E' como a pensar qão differente é a Paschoa minhota, festiva e linda, da que se celebra em Lisboa, mundaia, sem candura d'alma, quasi banal, sem cousa alguma de caracteristico, quando em Sevilha, sob o pallio azul ferrete do céu andaluz, a multidão exhibe a sua creença convicta, e passa, tranquilla e lenta, procissional, do egreja para egreja a olhar os mysterios da Paixão, ajoelhando deante dos Calvarios lugubres, firmada com a angustia do do Apóstolo, chorosa o tragica, sob o vou mortuario da sua penitencia.

Aqui, n'osta capital burguezia e monotona, apenas a terra vai fecunda pela arrabaldois; a cidade nada tem, n'osto periodo da semana santa, que offertar de acentunadamente caracteristico ao forasteiro que, como eu, anda exilado dos quatro palmos da sua aldeia, e que procura no proprio snobismo da civilização o fremito da alma popular. Lisboa é na semana santa apenas um pretexto para se exhibir uma *toilette* nova, formular um pedido de casamento, e... digerir uma mancheira de amendoadas: — é a Paschoa dos celibatarios, das modistas e dos confeiteiros...



EM LISBOA É UM PRETEXTO PARA 'TOILETTE'



A PASCHOA NA ALDEIA

SANTOS TAVARES.



OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Christo fez poucos milagros em Nazareth, onde se demorou pouco tempo. O povo dizia: «E' este o filho de Deus! Ora essa, seu pae não passa de um carpinteiro. Conhecemos-lhe a familia, que todos os dias vemos. Não se chamam seus irmãos o suas irmãs assim e assim, e sua mãe Maria? E' absurdo». Christo não amaldiçoou a sua casa, mas sauciu o pé dos seus pés e partiu.

Capharnaum está situada á borda de um pequeno mar n'uma planície pequena, que terá cinco milhas de comprimento e uma ou duas de largura, e é lindamente adornada de loureiros-rosas, que, sem serem tão dohrantemente bellos como os livros os pintam, fazem o mais feliz contraste com os calvos montes e os desertos horrendos que a cercam. Quem for sereno e resolute pode observar imponentemente os seus attractivos.

Uma das cousas mais assombrosas que se patentearam aos nossos olhos é o tracto de terra excessivamente pequeno, d'onde brota a planta ora florescente do christianismo. A maior jornada que fez o nosso Salvador foi d'aqui a Jerusalem — com a cento e vinte milhas. A mais comprida depois d'essa foi d'aqui a Sidonia — perto de sessenta ou setenta milhas. Em vez de ficarem muito distantes uns d' os outros — como a apperção americana naturalmente faria suppor — os logares mais especialmente celebrados pela presença de Christo vém-se d'aqui quasi todos, e estão a um tiro de bala de Capharnaum. Não falando em duas ou tres curtas jornadas do Salvador, elle passou a sua existencia, prégou o seu evangelho e fez os seus milagros n'uma região não mais extensa que um districto ordinario dos Estados Unidos. E' quanto alcança o meu entendimento para comprehender este facto estupendo. E quanto fatiga ter de ler com paginas de historia de duas ou de tres em tres milhas — pois em verdade os logares famosos estão muito proximos uns dos outros. Quo tedio nos causa a frequencia com que se succedem uns aos outros!

A seu tempo chegámos á antiga aldeia de Magdala.

XVII

Espectáculos curiosos de arte e de architectura — Recepção pabellão dos peregrinos — A casa de Maria Magdalena — Tibérias e seus singulares habitantes — O sagrado mar da Galiléa — A Galiléa á noite.

Magdala não é um bello lugar. E' absolutamente syrio, o que quer dizer que é de todo em todo feio, sujo,

nada confortavel e asqueroso — segundo o estylo das cidades que adornaram este paiz desde o tempo de Adão como todos os escriptores tem lidado muito para demonstrar, e na verdade o conseguiram. As ruas de Magdala, atulhadas de imundície, tem por toda a parte tres a seis pés de largura. As casas, do cinco a sete pés de altura, são todas construidas por um plano arbitrario — a fórma desagradada de caixas de generos secos. Os lados são revestidos de uma ligeira camada branca e graciosamente alpicados em cima e em baixo de estercor de camelos posto ali a secar, o que dá ao edificio o aspecto romantico de ter sido erivado de balas de artilharia, e lhe imprime uma feição muito guerreira. O tecto chato e emplastado de gnaecio de pittorescos montes do ostrume, que, estando completamente resequido, ali é collocado para servir, quando houver necessidade de combustivel. Na Palestina não ha madeira de construção, que tenha algum valor — nenhuma absolutamente para queimar — nem tambem quaisquer minas de carvão. As choças da Syria não tem janellas nem chaminés. Quando em lã que desceram um doente de cama pelo tecto de uma casa em Capharnaum para o levarem á presença do Salvador, geralmente figurava-se ao men espirito uma casa de tres andares, e admiravã-me de que não tivessem quebrado o pescoço n'essa extraordinaria experiencia. Agora percebo que lhe podiam pegar pelos calcunhães e atirado para cima da casa sem o incomodar muito. A Palestina não tem feio mudança nenhuma desde esse tempo em usos e costumes, architectura e povo.

No caminho para Magdala nem alma viva. Mas a estúpida dos cavallos despertou a estúpida população, e todos sahiram em tropel — velhos e velhas, rapazes e raparigas, egos, doentes e estropiados, todos cobertos de sujos andrajos, e todos abjectos mendigos por natureza, instinctos e educação. Como elles enxameavam! Como mostravam as cicatrizes e as pustulas, e lastimosamente apontavam para os seus membros deformados, e imploravam a caridade com olhares supplicantes! Tinhamos invocado um espirito que não podiamos acalmar. Penduravam-se ás caindas dos cavallos, suspendiam-se das crinas e dos estribos, chegados de todos os lados, desprezando o risco de caucos — e de suas gargantas infeitas, formando uma só voz, rompia um córo frenetico e ensurdecedor: Howajji, uma esmola! Ho-

wajji, uma esmola! Howajji, uma esmola! Nunca de antes me vira envolvido em tormenta semelhante.

Apenas dêmos a esmola ás croações de olhos doentes e ás raparigas trigueiras e esportas, com os labios e a barba repulidamente tateados, seguimos para a cidade até que chegámos a um recinto ensilvado e a uma ruína na apparencia romana, que fóra verdadeira habitação de Maria Magdalena, a dedicada companheira de Jesus. O guia acreditava que assim era; e eu tambem. Nem podia fazer outra cousa, com a casa ali posta deante dos meus olhos tão clara como o dia. Os peregrinos tiraram pedaços da parede deanteira, para memoria, conforme o seu respeitavel costume, e logo partimos.

Estamos agora acampados mesmo dentro dos muros da cidade de Tibérias. Entrámos n'ella antes de cair a noite, e observámos os seus habitantes — de suas casas pouco nos importava. A sua população melhor se examina de longe. Compõe-se de judeus, arabes e negros nada attraheentes. A imundície e pobreza são o brazão de Tibérias. As raparigas trazem o seu dote enfiado n'um arame grosso que lhes pende do alto da cabeça até ao queixo — moedas turcas de prata, que ellas juntaram ou receberam por herança. A maior parte d'estas donzelas não eram ricas: mas a algumas poucas tinha scrido a fortuna. Vi herdeiras que valiam, por seu justo direito, não só se me atreva a dizer, tanto como nove dollars e meio. Mas isso é raro. Quando se topa alguma das taes, ella naturalmente dá-se aros. Não pedo esmola. Nem sequer consentiria familiaridade impropria. Ha gente que não pode com a prosperidade.

Dizem que essas abautemas de nariz comprido, descarnadas, e de aspecto dyspeptico, com indescritiveis chapéus na cabeça, que trazem por deante de cada orelha um comprido caracol a abanar, são os velhos, conhecidos e integros phariseus, em que nos fala a sagrada escriptura. Com effeito, assim parecem. A julgar sómente pelo seu tom goral, e sem outro testemunho, é facil suspeitar que a rectidão era a sua especialidade.

Colhi informações de varias autoridades a respeito de Tibérias. Foi edificada por Herodes Antipas, o assassino de S. João Baptista, e derivou a sua denominação do imperador Tiberio. Crê-se que está situada no lugar onde, ha seculos, deve ter havido uma cidade de grandes protencões architectonicas, se attondormos ás finas columnas de porphyro, que estão espalhadas em Tibe-

riades, e pela margem sul do lago abaixo. Eram estradas entroncadas, e, todavia, posto que a pedra seja quasi tão dura como ferro, os vivos estão quasi gastos. Eram pequenas essas colunas, e, sem duvida, os edificios que adornaram distinguiram-se mais pela elegancia que pela grandeza. Esta cidade moderna—Tiberiades—vem só mencionada no Novo Testamento; no Velho nunca.

Era aqui que por fim se reunia o Sanhedrim, e durante trezentos annos Tiberiades foi a metropole dos judeus da Palestina. E' uma das quatro cidades santas dos israelitas, para os quaes é o que Mecca é para os mahometanos e Jerusalem para os christãos. Foi a residencia de muitos sabios e famosos rabinos. Estão aqui sepultados, e proximo d'elles jazem tambem vinte e cinco mil dos da sua fé, que durante a vida percorreram grandes distancias para estar ao pé d'elles, e quando viesse a morte, ser enterrados com elles. O grande rabino Ben Israel passou aqui tres annos da primeira parte do terceiro século. Agora já não existe.

O celebre mar da Galilea não é tão grande como o lago Tahoe (1), tem exactamente dois terços, pouco mais ou menos, de largo. E, pelo que respeita a belleza, este mar tanto se pode comparar com o Tahoe como um meridiano de longitude com um arco iris. As suas aguas turvas não podem dar a lembrar a limpida refulgencia do lago Tahoe; estes baixos monticulos de rochas e areia, escalvados e amarelentos, são falhos de perspectiva, não soffrom comparação com os grandes picos que cercam o Tahoe como uma muralha, e enjas frentes, com saliencias e precipicios, são cobertas de pinheiros majestosos, que parecem tornarem-se cada vez mais pequenos, quanto mais altos estão, a ponto de se poderem confundir com ervas e arbustos quando se unem ás neves eternas. O silencio e a solidão pairam sobre Tahoe, e abrem tambem as suas asas sobre o lago de Genezareth. Porém, a solidão de um é tão jovial e fascinadora como a solidão do outro é triste e repulsiva.

Ao romper da alvor contemplasse com placido interesse a lucta silenciosa da aurora com as trevas; mas, quando as sombras se desfazem, numa a uma as bellezas occultas da margem se desenrolam no pleno esplendor da luz; quando a serena superficie é listrada como um arco iris de largas barras de azul, verde e branco, a meia distancia da circumferencia para o centro; quando, nas precigiosas tardes de verão, a gente está n'um barco, longe, lá onde começa o azul carregado da agua profunda, fumando em paz o seu cachimbo, e piscando os olhos debaixo da pala do bonné para os penedos distantes e as pastas de neve; quando o barco voga em direcção da praia para a agua clara, e nos encostamos á amurada

observando a profundez crystallina e as côres das pedras, passando ao mesmo tempo em revista os cardumes de peixes que deslizam a cem pés abaixo de nós, quando á noite se vê a lua e as estrellas, as vertebrae das montanhas esplumadas de pinheiros, salientes cabos brancos, arrojados promontorios, grandes troços do um scenario aspero, topetado por calvos montes scintillantes—tudo isso magnificamente espelhado na polida superficie do lago, nos seus mais ricos e suaves pormenores, o tranquillo interesse que nasceu com a manhã augmenta cada vez mais até por fim attingir o ponto culminante n'uma irresistivel fascinação.

E' solidão, porque as aves e os equillos na praia, e os peixos na agua são todas as creaturas que quasi fariam que ella o não fosse, mas não é essa a especie de solidão que nos enche do tristeza. Para isso vindo á Galilea. Se estes despojavados desertos, estas severas barreiras de esterilidade, que nunca, nunca, saocidem de seus duros contornos as fortes reflexos da luz, para esmaecerem um vaga perspectiva; a ruina melancolica de Cappharnum; a entorpecida aldeia de Tiberiades, derrocando sob os seus seis funereos penachos de palmeiras; o arido declive pelo qual o suino do milagre rolou para o mar, e sem duvida achou preferivel engullir um demônio ou dois e afogar-se d'essa feita a viver por mais tempo em semelhante logar; este rutilante céu sem nuvens; este lago solemne, sem véas e sem côr, em repouso dentro do seu arco de outeiros amarelados e baixos, margens escarpadas com um aspecto tão desprovido de expressão e de poesia (pondo de parte a sua historia sublime) como qualquer lago metropolitano da christandade—se todas essas cousas não são proprias para eu calhar com somno, então, mãe da minha alma! é porque não ha nenhuma.

Mas não hei de aqui apresentar o libello accusatorio, sem que a defeza seja ouvida. Eis o depoimento de W. C. Grimes.

—Haviamos tomado um barco para passar para o outro lado. O mar não tinha mais de seis milhas de largura. Todavia, da belleza do quadro não posso dizer bastante nem imaginar onde tinham os olhos os viajantes que descreveram a vista do lago como vulgar e destituida de interesse. O seu primeiro caracteristico é a bacia em que está, pois que a sua profundidade ascende á quatrocentos pés de todos os lados, excepto na extremidade mais baixa; e o pronunciado declive das margens, que são todas do mais bello verde, é cortado e aforneado pelos ribeiros e quedas d'agua, que rompem atravez dos lados da bacia, cavando fendas obscuras ou claros valles luminosos. Perto de Tiberiades estas margens são penhascosas, e ha n'ellas sepulturas, com portas que dão para o mar.

—Excellentes logares notaveis, como os antigos egypcios, para cemiterios, como se fivessem a intuição de sahir e abrir os olhos no meio de scenas de grande belleza,

quando a voz de Deus chamasse os que alli dormiam. Para o oriente, as aridas e bravias montanhas contrastam bellamente com o lago de azul carregado; e para o norte o Hermon, sublime e majestoso, contempla o mar, erguendo a sua corôa branca para o céu com o orgulho de um monte que viu passar com gerações. Na margem nordeste do lago estava uma arvore solitaria, a unica de tamanho visivel que se enxergava da agua do lago, exceptuando algumas poucas palmeiras na cidade de Tiberiades, as quaes pela sua situação solitaria attrahem mais a attenção do que se fosse uma floresta. Todo o aspecto do quadro é precisamente o que esperavamos e desejavamos que fosse o lago de Genezareth, belleza grandiosa, mas tranquillidade completa. As mesmas montanhas são calmas. (1)

E' uma descripção habilmente feita e bem calculada para illudir. Mas, se lhe tirarem a pintura, as filias e as flores, ficará um esqueleto.

Assim desnudada, temos um lago de seis milhas de largura e de côr neutra; com verdes margens escarpadas, sem o relevo de quaesquer arbustos; n'um extremo rochas, mas invisiveis com quasi imperceptiveis buracos sem importancia para o quadro; a leste (a oeste e bravias montanhas); (outeiros baixos e aridos, e o que elle deveria dizer); para o norte um monte domoado Hermon, onde ha neve; peculiaridade do quadro «tranquillidade»; sua feição propriamente, uma arvore.

Peço o direito de corrigir inexactidões, e foi assim que emendei a côr da agua n'uma recapitulação acima. As aguas de Genezareth são de uma côr azul excessivamente desvanecida, vistas até de uma grande elevação ou a cinco milhas de distancia. De perto (a testemunha andava n'um barco) é menos proprio chamar-lhas absolutamente azues, e muito menos de azul «carregado». Desejo Bazar, não como emenda, mas como materia de opinião, que o monte Hermon não é de modo nenhum uma montanha notavel ou pittoresca, e, para o não ser, basta ter muito proximo a altura dos seus visinhos mais chegados. Ahi está o que é. Não me opponho a que a testemunha arraste uma montanha quarenta e cinco milhas para fazer valer o quadro, visto ser muito conveniente fazelo; e, ademais, o quadro precisa d'isso.

(1) Está acostumada a montanhas que dão pulso, não ha de vida.—M. T.

FOLHETIM N.º 20

(Continúa).





O «YACHT» REAL HISPANOL «GIRALDA»
A bordo do qual S. M. Cathólica offerceu um almoço ao Imperador da Alemanha na sua passagem em Vigo.



EUGENE YSAÏE
Nasceu em Liège em 1855. Foi discípulo de Viextemps. Concluiu o curso no Conservatório de Bruxellas, partiu para a Alemanha e tomou parte nos festivais de Lisab. É um dos maiores violinistas da actualidade.
Foi contratado para uns concertos no theatro D. Amélia, o primeiro dos quaes teve lugar em 21 de março.



O COURAÇADO ALLEMÃO «FREDERICH-KARL»
Que acompanha o paquete «Kontag-Albert» no qual S. M. o da Alemanha fez a sua viagem no Mediterraneo.



RAOUL PUGNO
Nasceu em Paris em 1852. Foi mestre de capella em Saint-Eugene, regem no Conservatório de Paris as cadeiras de harmonia e piano. Abandonou esse lugar para se dedicar á vida de concertista.
Tocou nos concertos para que foi contratado no D. Amélia com Ysaïe estroando-se em 21 de março.



A EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ
Bordas de D. Maria II.ellido P.ubeiro premiadas com medalha d'ouro na exposição de Paris de 1900.

CHRONICA ELEGANTE

N'algumas formosas tardes da presente estação, em que a nossa bella Avenida e o Campo Grande se apresentam repletos de passeantes, é notado por todos o crescente numero de automoveis que dia a dia vão circulando em todas as direcções.

Longe de nós a idéa de querer depreciar as vantagens d'este meio de locomoção, tão essencialmente moderno, nem entram na linha da nossa desprezível consideração n'esse sentido. Porém ao vêr passar com a vertiginosa rapidez de relampago essas immensas machinas semelhantes a animaes phantasticos, offegantes e ruidosos, conduzindo grupos de pessoas febris e inquietas, luctando estonteadas com o vento, a poeira e o fumo, o nosso espirito evoca involuntariamente visões mais pacificas e consoladoras. Repousamos então o olhar fatigado sobre as magnificas equi-



FIGURA 1

pagous que cruzam as umbrosas aléas e sentimos infinito prazer ao vêr resplandecer nos seducidos estylos, n'uma invejavel attitude de supremo conforto e bem estar, as gentilissimas libeotas trajando as mais garbadas, mimosas e frescas toilettes de primavera. Seguindo esta ordem de idéas chegamos á conclusão que o automobilismo podera ser tudo, menos elegante, e de modo nenhum se torna compativel com os requintes do luxo e da incomparavel distincção das toilettes modernas.

Para os trajes apurados d'après-midi, garden party, matinees, passeios elegantes, figurarão esta primavera, além das sedas de que já falámos, variadas e novas creações em damines, grenadines e mousselines de toda a especie, com garnições de rendas, bordados, e passementeries adequadas.

Os chapéus plateaux chatos passaram á historia. As formas modernas tem as copas muito largas e altas e enfolham-se de plumas, flores ou fitas muito volumosas. Mesmo as toques e marquis são muito maiores do que até agora e as abas immensamente recurvadas.

No genero decorativo ha os chapéus habilis do genero Lebras e Gainsborough, muito grandes, profusamente guarnecidos e constituídos por elementos valiosos como



FIGURA 2

tullo, gaze, palhas de fantasia imitando sotim, froco, fitas, completando-se a decoração pela roillette do renda fina artisticamente collocada sobre a copa e cabindo em volta da aba como um folho.

Por enquanto as flores mais em voga são as rosas e as ervilhas do choiro para os chapéus juvenis e para os mais sérios, folhas de amoreira com fructos, uvas, grimaldas de hera e rebenta bois com bagas roxas e vermelhas.

FIG. 1 — Toilette de soirée em gaze champagne plissée, com garnições de guipure rousse.

FIG. 2 — Chapeu Primrose em tullo branco com raches de gaze e ramo de pois-de-senteur e primrose campostros.

FIG. 3 — Toilette do garden-party em mousseline de soie preta com abocção em vieille dentelle. Chapeu de chiffon e om plumas e fitas.



FIGURA 3